

# ESPAÇO E LUGAR: METAMORFOSES DAS FORMAS E DAS FUNÇÕES NA AVENIDA RIO BRANCO, MOSSORÓ-RN

Eduardo Alexandre do Nascimento<sup>1</sup>  
Fábio Ricardo Silva Beserra<sup>2</sup>

## RESUMO

O artigo objetiva analisar o desenvolvimento das formas-conteúdo da Avenida Rio Branco, na cidade de Mossoró – RN. Este espaço vem sofrendo intensa reestruturação, sobretudo a partir do início dos anos 2000. Tal processo tem como principal catalisador a ação de forças do sistema do capital, que implicam um processo de frequente reconfiguração espacial. A isto se associa um conjunto de políticas públicas que agem no sentido de revitalização do lugar em questão. Concebendo o espaço geográfico como elemento fundamental no desenvolvimento das relações sociais, o trabalho busca, também, analisar como os acréscimos de novos objetos e novas funções da Avenida Rio Branco têm exercido papel relevante sobre parte do conjunto das relações socioeconômicas da sociedade mossoroense. Faz-se importante refletir acerca das implicações dessa nova configuração geográfica, bem como da alteração da dinâmica espacial por ela causada, repercutindo sobre o comportamento e o cotidiano do cidadão dessa cidade, uma vez que a reorganização dos elementos do espaço postula, necessariamente, mudanças no âmbito das relações sociais.

Palavras-chave: Espaço. Lugar. Reestruturação. Mossoró.

## ABSTRACT

### SPACE AND PLACE: METAMORPHOSIS OF FORMS AND FUNCTION IN RIO BRANCO AVENUE, MOSSORÓ-RN

This article analyzes the development of content-forms of Rio Branco Avenue, in the city of Mossoró - RN. This area is undergoing intense restructuring, particularly from the early 2000s. This process has as its main catalyst action of forces of the system of capital, which often involve a process of spatial reconfiguration. To this is associated with a set of policies that act to revitalize the place in question. Conceiving the geographical space as a fundamental element in the development of social relationships, the work also seeks to analyze how the additions of new objects and new features of the Rio Branco Avenue have played an important role on part of all the socioeconomic relations of local society. It is important to reflect on the implications of this new geographical configuration and the spatial dynamics of change caused by it, influencing behavior and daily life of citizens of this city since the reorganization of the elements of space postulates necessarily changes in social relations.

Keywords: Space. Place. Restructuring. Mossoró

---

<sup>1</sup> Licenciado em Geografia pela UERN. Professor de Geografia do ensino básico.  
Email: eduardoalexandre2009@bol.com.br

<sup>2</sup> Mestre em Geografia pela UECE. Professor do Departamento de Geografia da UERN.  
E-mail: fabio.geografo@gmail.com

## 1 MOSSORÓ NO CONTEXTO ATUAL

Mossoró é o segundo maior centro urbano do estado do Rio Grande do Norte, distante 275 km de sua capital, Natal. Localiza-se às margens do rio Apodi-Mossoró, na região oeste do estado e na microrregião homônima. Constitui-se um importante entroncamento rodoviário entre Natal e Fortaleza, encontrando-se equidistante destas duas relevantes capitais do Nordeste brasileiro.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em 2009 a cidade possuía uma população de aproximadamente 244.287 habitantes, sendo com isso a vigésima maior cidade da região Nordeste. Sua economia se alicerça principalmente sobre o tripé sal marinho, petróleo e fruticultura irrigada, que, em quantidade significativa, está voltada para exportação. Mossoró se destaca também no cenário regional por se projetar como um importante reduto de manifestações culturais.

Essa cidade vive atualmente um significativo processo de desenvolvimento econômico, evidenciado pela grande quantidade de investimentos que vem recebendo. Esse processo de crescimento é impulsionado pela ação de capitais internos e externos, bem como pela ação direta dos poderes públicos municipal e estadual. Com a mecanização do setor salineiro, a chegada dos desenvolvimentos tecnológicos que permitiram a implantação da fruticultura irrigada e a produção petrolífera que se instala na cidade no início da década de 1980, Mossoró se integra mais intensamente aos mercados nacionais e internacionais. Em razão de essas atividades econômicas “não se limitarem a ser apenas setores da economia potiguar” (ROCHA, 2005), mas integrando a pauta das exportações nacionais, seu alcance, que extrapola em muito as fronteiras locais, permite uma forte integração de Mossoró aos circuitos da economia global. As influências dessas forças ensejam, além de um avanço econômico importante, transformações profundas em sua estrutura socioespacial, seu território é reorganizado e novos equipamentos urbanos lhe são acrescentados com a finalidade de adequá-lo às necessidades contingentes de reprodução do sistema capitalista.

A ação do capital é inerentemente seletiva. Milton Santos (2002; 2004) caracteriza essa ação como *seletividade espacial*. Em consonância, o geógrafo D. Harvey afirma ser essa uma necessidade de *ajuste espacial* do capital para evitar a sua desvalorização. Importante ressaltar que o capital se fixa apenas nas porções do espaço que abrigam as condições necessárias ao lucro, onde por intermédio de mudanças e reestruturações geográficas existam todos os tipos de possibilidades para protelar as crises, sustentar a acumulação e modificar a luta de classes (HARVEY, 2005). As infraestruturas urbanas neste quadro se constituem como elemento imprescindível, pois agregadas ao planejamento espacial, permitem a realização de etapas (fluidez, consumo, troca e produção) essenciais à reprodução capitalista.

Mediante a necessidade de tornar Mossoró uma cidade competitiva, atrativa para investimentos econômicos, o poder público, em associação com o capital privado, vem atuando, por meio do planejamento estratégico, no sentido de promover os ajustes espaciais necessários à realização do lucro. O espaço geográfico, sobretudo o urbano, figura assim como um elemento de extrema relevância para realização da acumulação capitalista. O sistema socioeconômico vigente tem sua sobrevivência condicionada a sua capacidade de promover ordenações espaço-temporais, criando e transformando o espaço de acordo com as suas necessidades de reprodução.

## 2 A AVENIDA RIO BRANCO: DO PLANEJAMENTO AO EMPREENDEDORISMO?

Existe atualmente uma tendência a que a governança urbana, em conjunto com os agentes do capital, realize investimentos enfocando cada vez mais o discurso da necessidade *qualidade de vida* tendo, desta forma, atuado, por meio do planejamento urbano, no sentido de revitalizar áreas de valor histórico, visando dar um ar de modernidade à cidade, e por meio disto, torná-la mais favorável aos negócios. A valorização de áreas urbanas degradadas, a inovação cultural e a melhoria física do ambiente urbano – atrações para o consumo e entretenimento – se tornaram

facetas proeminentes das estratégias para regeneração urbana num contexto de crise. Pois, acima de tudo, “a cidade tem de parecer um lugar inovador, estimulante, criativo e seguro para se viver ou visitar, para divertir-se e consumir” (HARVEY, 2006).

A Avenida Rio Branco se insere nessa conjuntura, recebendo investimentos e sendo revitalizada. Suas formas-conteúdos e sua funcionalidade são parcialmente alteradas (em alguns casos, completamente alteradas), dando à cidade um aspecto favorável ao desenvolvimento de atividades em diversos setores da economia, principalmente aqueles ligados ao turismo e ao entretenimento. A Estação das Artes Eliseu Ventania, o teatro municipal Dix-Huit Rosado, o Memorial da Resistência, as praças da Criança e da Convivência e um conjunto de pontos comerciais ali instalados, como bares e lanchonetes, bem como as funções que esses objetos abrigam, expressam bem as transformações vivenciadas por essa porção do espaço urbano mossoroense.



Foto 1 – Memorial da Resistência

Esse projeto de reestruturação de algumas estruturas e a criação (invenção?) de outras ocorre como consequência da exigência do Governo Federal na elaboração de planos diretores das cidades brasileiras. A partir de 2005 é apresentado um novo Plano Diretor para Mossoró, que tem como uma de suas prioridades a necessidade de um programa de revitalização de algumas áreas dessa cidade. Diversos projetos foram listados nesse sentido, dentre os quais destacam-se a reurbanização e a revitalização da área do Mercado Público Central, o Ginásio Poliesportivo Pedro Siarlini e um Parque Aquático Termal; assim, de semelhante modo, a reurbanização da Avenida Rio Branco, assumida pela Prefeitura Municipal e destinada a abrigar atividades relacionadas à cultura e ao entretenimento, na intenção de atrair divisas, sobretudo por meio do turismo.

Como nas demais cidades do país, a expansão urbana que se verifica em Mossoró nas últimas décadas é resultante das ações do capital e dos seus agentes atuando nas mais diferentes escalas, e vão ter nas políticas e programas do governo o fundamento necessário para tornar o espaço urbano condição geral para realização do lucro. Estas ações alcançam os mais diversos setores e ramos da economia e suas escalas são preferencialmente aquelas que interconectam o local ao global. No caso de Mossoró, especificamente, é possível perceber investimentos e incentivos para o setor secundário, a exemplo de uma indústria cerâmica que se instala no município na década de 2000; para o setor primário, captando recursos de planos do governo na tentativa de investir maciçamente na agricultura irrigada, ramo do agronegócio; e principalmente no setor terciário, nas atividades envolvendo comércio e serviços (os exemplos já foram citados).

A partir de 1988, com as mudanças feitas na Constituição, é repassada ao poder municipal a responsabilidade de formular e implementar políticas de desenvolvimento urbano e ações sociais, com a finalidade de promover a elevação da qualidade de vida de sua população. Com

essa mudança, o papel da administração municipal sobre o incremento do espaço das cidades torna-se, sobretudo, relevante. No, entanto, a partir desse momento, as iniciativas municipais tornam-se ainda mais débeis, em razão da evidente e profunda falta de preparo técnico e financeiro. Em sua grande maioria, os municípios brasileiros, sobretudo os da região Nordeste, são fortemente dependentes de recursos provenientes do Governo Federal. No Rio Grande do Norte, particularmente, os elementos que constituem suas finanças públicas são oriundos do Imposto Sobre Circulação Mercadorias e Serviços – ICMS, Imposto Sobre Serviços – ISS, Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental, Fundo de Participação dos Municípios – FPM e Instituto Nacional de Previdência Social – INSS. Uma quantidade mínima de municípios consegue encontrar alternativas a esses recursos, em virtude da fragilidade econômica que se processa em seus territórios, encontrando, desta forma, enormes impedimentos para a realização de suas funções.

Mossoró, nessa conjuntura, é um caso a parte, encontrando-se numa condição privilegiada, pois se somam aos itens supracitados as expressivas contribuições advindas dos *royalties* da produção petrolífera. Esses recursos tem tido, nos últimos anos, uma importância significativa no processo de reestruturação do espaço urbano mossoroense. O corredor cultural, projeto que contempla boa parte da Avenida Rio Branco, se viabilizou, em parte, devido à virtude dos *royalties* da produção petrolífera realizada no município. A concretização desse projeto significou o acréscimo de novas formas e funções a essa avenida, bem como a renovação, pelos acréscimos de novos usos, dos antigos objetos remanescentes.

A despeito dos volumosos recursos oriundos dos *royalties*, que conferem a Mossoró maiores possibilidades de desempenhar uma postura empreendedora mais efetiva, a habilidade de seus gestores públicos de se articularem com os atores econômicos e outros segmentos da sociedade foi, e continua sendo, de fundamental importância para o desenvolvimento e reorganização do espaço urbano da cidade. Outras cidades do Rio Grande do Norte, como Macau, Areia Branca, Guamaré etc., são contempladas da mesma forma com esses recursos, no entanto, não conseguem desempenhar com a mesma eficiência os investimentos no processo de renovação urbana. A gestão urbana não se restringe apenas ao governo local; ela envolve uma série de agentes. Consiste, na maioria das vezes, em uma verdadeira coalizão. Uma administração eficiente do urbano deve articular com maestria e coerência as instituições governamentais em suas diversas escalas, os capitais privados e estatais, bem como a população cerceada em classes sociais.

A forma como a prefeitura de Mossoró tem conduzido as relações entre o público e privado e explorado os seus recursos tem sido decisiva para alavancar, nos últimos anos, um intenso processo de reordenação da configuração territorial do município, tornando-o desta forma mais adequado, e por conseguinte mais atrativo para o desenvolvimento das atividades do capital. Isso fica evidente no grande volume de capital que circula na região e no fato de alguns institutos de pesquisa do Sudeste do país terem apontado Mossoró como um dos centros urbanos que mais se desenvolvem entre os do Norte-Nordeste.

A escolha da Avenida Rio Branco para reestruturação e implementação de novas formas-conteúdos que permitiriam, mais tarde, a implementação de novos serviços e outras atividades destinadas ao consumo, não se dá de forma abrupta. Este lugar se apresenta como um daqueles aptos à (re)apropriação capitalista, devido ao contexto socioeconômico, político e histórico-cultural que representa.

É pela Avenida Rio Branco que passava um importante trecho da estrada de ferro ligando Mossoró a Sousa, na Paraíba. O projeto original, datado da segunda metade do século XIX e idealizado pelos comerciantes locais, propunha que a estrada de ferro partisse das proximidades da barra do rio Apodi-Mossoró até Boa Vista, nas margens do São Francisco, na Bahia. No entanto, em virtude das circunstâncias, o projeto é modificado, reduzindo a linha a apenas a 195 km, trecho Mossoró (RN)-Sousa (PB). Neste ínterim haveria o entroncamento com a Rede de Viação Cearense. Esse projeto foi efetivado no início do século XX e constituiu um meio de acelerar o fluxo de mercadorias entre Mossoró e cidades adjacentes.

Esta Avenida abrigava uma variedade de equipamentos importantes que se integravam à linha férrea, como os trilhos, a estação (que consistia na maior entre as que faziam parte desse

sistema), armazéns, lojas e outros objetos. Disto pode-se inferir que as antigas formas-conteúdo dessa porção do espaço urbano mossoroense exerciam um papel importante para economia dessa cidade, a saber, o de possibilitar o estabelecimento de relações comerciais com outros lugares. Esses objetos tinham a função de promover com maior possibilidade a mobilidade de pessoas, informações e mercadorias, e durante anos foram imprescindíveis para manutenção de Mossoró como importante centro econômico do Estado.

Apesar da relevância dessas formas espaciais, com o processo de decadência da ferrovia e sua conseqüente desativação, em meados da década de 1990, elas perdem seu sentido primário. Isso se dá pelas mudanças das forças e relações de produção tanto no âmbito local quanto no âmbito mundial. O espaço geográfico, que tem como principal força motriz de suas transformações as forças econômicas, estabelece com elas uma relação dialética, no sentido de que ele se molda de acordo com os interesses da produção, mas também representa um elemento importante no desenvolvimento e na organização dessas forças.

Por meio de um planejamento estratégico, e a partir da necessidade de tornar Mossoró uma cidade competitiva, atrativa para investimentos econômicos, o poder público nos últimos tempos passou a atuar, em conjunto com o capital privado, no sentido de reavivar partes do espaço dessa cidade. A concretização desse projeto significou o acréscimo de novas formas e funções a essa Avenida, bem como a renovação, pelos acréscimos de novos usos, dos antigos objetos remanescentes.

As novas formas-conteúdo da Avenida Rio Branco, a despeito das mudanças marcantes da paisagem, exercem, em sua essência, ainda um papel comercial, implicando uma continuidade na evolução de suas funções. Entretanto, a natureza econômica desse espaço é completamente diversa da anterior, implicando, dialeticamente, uma ruptura com o seu passado recente. Os produtos negociados ali são geralmente lazer e cultura.

As estratégias que têm sido adotadas pelos administradores e pelos planejadores de algumas cidades situam-se nessa fase histórica da sociedade capitalista, na qual a cultura adquire valor de mercado e está submetida a uma economia política de produção cultural (BEZERRA, 2007). Neste mesmo diapasão, Harvey, em sua análise acerca da transformação político-econômica do capitalismo no final do século XX, estipula que a redução do tempo de giro do capital é “sempre uma chave da lucratividade capitalista”. Com o advento do regime de produção flexível e a emergência paralela de um novo modo de regulamentação da vida, há uma redução dramática do tempo de giro do capital, que se dá basicamente em três níveis: na produção (essa redução ocorre em função do desenvolvimento da automação e de novas estratégias organizacionais), na circulação (em virtude do surgimento dos novos meios de transporte e comunicação) e no âmbito do consumo. Na dimensão do consumo, além da indução ao surgimento de necessidades fictícias e à rápida obsolescência dos produtos, há uma mudança, ainda segundo Harvey, “na ênfase da produção de bens para produção de eventos” culturais e serviços ligados ao lazer e ao turismo, que têm um retorno quase imediato. Na conjuntura de crise, que se expressa no grande volume de capitais sobreacumulados que não encontram demanda efetiva para sua realização, a produção e o comércio de mercadorias que se exaurem no ato do consumo imediato acelera, sobremaneira, o giro do capital, permitindo dessa maneira aperfeiçoar a realização das etapas do processo de reprodução do regime de produção social prevalecente.

Mossoró se insere nessa lógica, quando reconfigura seu espaço com o propósito de torná-lo um centro que permite respostas rápidas às novas demandas de acumulação do capital, nesses tempos de competitividade extrema. Daí o esforço conjunto do poder público e dos agentes econômicos privados na requalificação da materialidade de um espaço da cidade com grande significado histórico, a fim de transformá-lo em mercado cultural. Com os processos de reorganização e renovação da Rio Branco, nas últimas décadas, ocorrem alterações significativas em sua funcionalidade e paisagem, apesar de continuidades funcionais e a preservação parcial de sua materialidade.

No processo de reestruturação do espaço, suas formas-conteúdo são, em muitos casos, profundamente alteradas com a finalidade de atender às novas necessidades de reprodução das relações de produção da ordem sociometabólica dominante (MESZAROS, 2002). As alterações

na organização espacial, com o conseqüente acréscimo de novos equipamentos e integração de novas funções às estruturas remanescentes, significa também a transformação das relações socio-econômicas em seus diversos aspectos. A atuação do sistema do capital sobre o espaço geográfico significa uma transformação contínua em sua estrutura, implica uma redefinição em todas as suas dimensões, da paisagem ao lugar. A ação das forças de mercado significa o acréscimo constante de novos objetos, equipamentos técnicos que viabilizam a realização das atividades que se estabelecem no território. Essa redefinição recorrente das formas geográficas (tanto em sua materialidade quanto em seus modos de uso) incide sobre a vida cotidiana. Sua dinâmica é alterada, “recriando constantemente novos valores, novos signos, novos comportamentos, enquanto destroem símbolos, transformam os modos de uso do espaço, mudam as relações entre os cidadãos e destes com a cidade” (CARLOS, 2007). Afinal de contas, como diz Lefebvre (1999), quando discute o peso da organização espacial sobre os processos sociais, “o espaço e a organização política do espaço expressam as relações sociais, mas também reagem contra elas”.

É imprescindível apreender a dimensão econômica da área, levando em conta como a nova combinação de objetos e funções têm operado uma significativa mudança nesse aspecto. Com a renovação dos objetos da Av. Rio Branco, e o conseqüente surgimento de um novo cenário – que proporciona à cidade um ar de progresso e modernidade – o capital imobiliário fixado ao longo da parte revitalizada da avenida e das imediações sofreu um substancial processo de revalorização.

Os equipamentos da Av. Rio Branco – novos ou revitalizados – exercem uma função de caráter econômico. Uma parte desses equipamentos, como a Praça de Eventos e a Estação das Artes Eliseu Ventania, têm a função específica de receber eventos de naturezas diversas, alguns se inserindo na programação anual da cidade, outros ocorrendo de forma esporádica. Dentre estes, alguns se destacam a ponto de repercutirem além dos limites do Estado, como é o caso do Mossoró Cidade Junina. A outra parte, como é o caso do teatro municipal Dix-Huit Rosado, a Praça da Convivência (Foto 2) e a Praça da Criança, abrigam atividades comerciais mais regulares.



Foto 2 – Praça da Convivência

Esses eventos combinados com outras atividades têm uma representatividade econômica expressiva para a economia do município e das cidades adjacentes. Por exemplo, os números relacionados ao Mossoró Cidade Junina representam de forma incontestável a relevância econômica daquele espaço: os investimentos feitos pela Prefeitura na edição de 2009 foram da ordem de quatro milhões de reais. Estima-se que anualmente cerca de um milhão de pessoas passam pelo local durante os festejos e mais de 10 milhões de reais são injetados na economia, o que significa um incremento considerável para o comércio da cidade e das áreas adjacentes. A rede hoteleira, que durante o período de festas ocupa mais de 80% de seus leitos com turistas provenientes de vários estados do país, e outros segmentos da economia mossoroense, como a gastronomia e o comércio informal, são também fortemente afetados em decorrência desse evento.

O sistema de objetos espaciais que integram a Avenida Rio Branco é pressuposto fundamental para realização dessas atividades de caráter econômico, constituindo, ao mesmo tempo, o resultado objetivo das relações sociais de produção e a condição material dessas relações. “Como produto social, a espacialidade é, simultaneamente, o meio e o resultado, o pressuposto e a encanação da ação e das relações sociais (SOJA, 1993). O arcabouço espaço-temporal define a forma como a prática social é materialmente estabelecida e concretizada.

A adaptação das novas forças e relações socioeconômicas às formas antigas (e vice-versa), as implicações da convivência do novo e do velho no espaço sobre o cotidiano social deve ter seu lugar para reflexão. É relevante enfatizar o peso do novo e do velho na conjuntura geográfica atual. “A forma como se combinam sistemas técnicos de diferentes idades vai ter uma conseqüência sobre as formas de vida possíveis naquela área” (SANTOS, 2006).

A geografia histórica dos homens é um processo cumulativo, os eventos se cristalizam no espaço através da consubstanciação das formas materiais. Estas abrigam o movimento da sociedade. Assim, é necessário que haja certa adequação entre movimento e materialidade para que as formações sociais realizem suas atividades. Quando a relação entre a dinâmica social e a configuração territorial é assimétrica, essas atividades são comprometidas. Essa assimetria se origina em certa medida em função do envelhecimento dos objetos, quando estes não comportam adequadamente as relações sociais que atingiram um novo nível de desenvolvimento. O velho que se ossifica dificulta a difusão do novo.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do processo de decadência da ferrovia Mossoró/Souza, o conteúdo material da Avenida Rio Branco se degenera e torna-se incompatível com o momento de modernização e expansão econômica vivido pela cidade. Suas formas originais adquiriram funções que não se articulavam com as práticas sociais do presente, desta forma representando verdadeiros obstáculos à manifestação das novas relações. O poder público, combinado com a iniciativa privada, tem agido sistematicamente no sentido de renovar o sistema de formas-conteúdo dessa avenida, visando torná-la compatível com a totalidade do espaço urbano mossoroense. Esse esforço de revitalização preserva e recupera parte do que estava previamente construído e acrescenta novos equipamentos. Essa existência simultânea do jovem e do velho, que tenta resgatar um passado de glória e ao mesmo tempo atribuir à cidade um ar de modernidade, origina uma estruturação espaço-temporal que interage dialeticamente com a realidade do lugar, rebatendo sobre ele. Basta levar em conta o modo como a combinação dessas formas espaciais diferentemente datadas (algumas com uma grande importância histórica) se colocam a serviço da legitimação do poder de uma elite econômica e politicamente dominante, por meio da criação de um imaginário que povoa a mente do povo. Vê-se aí o uso ideológico dessas formas espaciais (o espaço como instrumento de ideologização). Segundo Lefebvre (1999), o espaço significa uma importante fonte de poder social sobre o cotidiano dos indivíduos.

Nesse mesmo espírito indaga-se sobre o caráter excludente da maior parte de seus equipamentos. A despeito de o espaço ser “público”, o seu acesso parece estar restrito a algumas camadas sociais; aparentemente seu uso não é democrático, não contemplando a totalidade da sociedade mossoroense. É possível afirmar que esta fração representa a forma como a ordem do capital aliena o espaço em sua materialidade e significações? O espaço aqui está sendo usado na escala local para consolidação e aprofundamento das diferenças de classes? Este fato parece estar bem representado no teatro municipal Dix-Huit Rosado; apesar de ter sido construído como recursos públicos, seu acesso se restringe a um número reduzido de indivíduos privilegiados, do ponto de vista econômico. Em função do alto custo das entradas de boa parte dos espetáculos, as camadas menos privilegiadas da sociedade mossoroense não têm acesso aos espetáculos apresentados ali. Não apenas o uso desta fração do espaço urbano de Mossoró é marcado pela contradição; a sua apropriação também é contraditória, o movimento de produção do espaço social “fundamenta-se nas lutas de classe, na contradição entre a produção espacial coletiva e a apropriação

privada” (CARLOS, 1994). As praças da criança e da convivência ilustram de maneira impecável este fato.

A Avenida Rio Branco, enquanto totalidade, revela-se portanto como produto e condição de suas práticas sociais. Enquanto fração da totalidade-mundo, um lugar na lógica do desenvolvimento e da reestruturação do sistema capitalista que paulatinamente se submete aos seus ditames.

Ao pensarmos seu processo de reestruturação, é possível observar uma dupla dinâmica: se de um lado novos elementos chegam objetivando modernizar o lugar e acelerar seu consumo, de outro, vai buscar naquilo que há de mais tradicional no lugar, isto é, nas formas e eventos históricos (ainda que reconstruídos ideologicamente). Deste modo se redefine uma série de componentes – políticos, econômicos e culturais – que agora estarão pautados em uma lógica racionalista e evidenciarão o processo de reestruturação existente no lugar.

Entretanto, o lugar, ao ser submetido a esta nova lógica, o faz não sem resistência. E nesse processo onde um complexo de relações se desenvolve, a reestruturação, ao se materializar, não se materializa da mesma forma que em outros lugares. Como diria Santos (2005), muda o mundo e, ao mesmo tempo, muda o lugar, mas é pelo lugar que o mundo é percebido empiricamente. Isso porque é no lugar em que convivem, dialeticamente, uma razão que é global e outra, que é local.

A apropriação do espaço vai ocorrendo cada vez mais de forma desigual e combinada. O espaço vai sendo apropriado de forma diversa, por meio de uma sociedade que se divide em classes e que utiliza fragmentos desse espaço com fins produtivos ou improdutivos, mas que não o faz sem luta. Esta luta vai fazendo dos homens e mulheres que atuam no cotidiano do espaço urbano mossoroense.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, Amélia Cristina Alves. Cidade, festa e identidade em tempo de espetáculo. In: ARAIS, Tadeu Alencar; GONÇALVES, Claudio Ubiratan; NASCIMENTO, Flávio Rodrigues do. **Itinerários Geográficos**. Niterói: EdUFF, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Labur, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

COSTA, Andréa Virgínia Freire. **Lugares do passado ou espaços do presente?** Memória, identidade e valores na representação social do patrimônio edificado em Mossoró-RN. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2009.

FELIPE, José Lacerda Alves. **A (re)invenção do lugar os rosados e o “país de Mossoró”**. João Pessoa: Grafset, 2001.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006.

\_\_\_\_\_. **Condição pós-moderna**. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_. **Espaços de esperança**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. **O novo imperialismo**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: EDUMG, 1999b.

MÉZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2002.



OLIVEIRA, Manuel Tavares de. **Estrada de ferro Mossoró-Souza: um sonho uma realidade, uma saudade.** Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2005.

ROCHA, Aristotelina Pereira Barreto. **Expansão urbana de Mossoró (período de 1980 a 2004).** Natal: EDUFRN, 2005.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço.** 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado.** 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

\_\_\_\_\_. **Da totalidade ao lugar.** São Paulo: EDUSP, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pensando o espaço do homem.** 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Por uma geografia nova.** 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1990.

SOUZA, Marcelo J. Lopes de. Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. IN: CASTRO, Iná Elias; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo C. C. **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.